


**A ESCOLA COMO TERRITÓRIO DE INVENÇÃO E DIFERENÇA: APRENDIZAGENS
INVENTIVAS E AS FORÇAS-RESISTÊNCIAS DOS CURRÍCULOS-EXPERIMENTAÇÕES**

**THE SCHOOL AS A TERRITORY OF INVENTION AND DIFFERENCE: INVENTIVE
LEARNING AND THE FORCES-RESISTANCES OF CURRICULA-
EXPERIMENTATIONS**

**LA ESCUELA COMO TERRITORIO DE INVENCION Y DIFERENCIA: APRENDIZAJE
INVENTIVO Y LAS FUERZAS-RESISTENCIAS DE LOS CURRÍCULOS-
EXPERIMENTACIONES**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n12-216>

Data de submissão: 19/11/2025

Data de publicação: 19/12/2025

Eva Adriana Rosa Ferreira Oliveira Lucas

Mestranda em Educação

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

E-mail: evalucas12@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7150594508153724>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-3458-2510>

Sandra Kretli da Silva

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

E-mail: Sandra.silva@ufes.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0611688078195189>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9800-6192>

RESUMO

Este artigo discute a escola como espaço de vida, criação e invenção. Problematisa modelos curriculares padronizados que regulam tempos, conteúdos e modos de ensinar. Apoia-se na Filosofia da Diferença com Deleuze e Guattari e nos estudos sobre políticas cognitivas com Kastrup. O texto afirma o cotidiano escolar como território de multiplicidades, afetos e processos inventivos. A pesquisa, desenvolvida em uma escola da rede municipal de Serra com professoras e crianças do 1º ao 4º ano, parte do entendimento de que as aprendizagens não se limitam à reconhecimento, mas emergem como práticas inventivas que produzem novos modos de existir. Acompanhando os processos de desterritorializações e reterritorializações – forças que atravessam o cotidiano, argumenta-se em favor de currículos-experimentações, concebidos como processos vivos que se compõem coletivamente. O estudo evidencia que, apesar das segmentações disciplinares, o cotidiano escolar produz linhas de fuga e modos singulares de funcionamento, revelando a potência inventiva das práticas e encontros que tensionam normatividades. Ao problematizar, criar e reinventar, essas experiências afirmam a escola como território capaz de formar mundos, subjetividades e outros modos de pensar os currículos, as docências, a educação.

Palavras-chave: Currículos. Filosofia da Diferença. Aprendizagem Inventiva.

ABSTRACT

This article discusses the school as a space of life, creation, and invention. It problematizes standardized curricular models that regulate time, content, and teaching methods. It draws on the Philosophy of Difference with Deleuze and Guattari and on studies of cognitive politics with Kastrup. The text affirms the school day as a territory of multiplicities, affects, and inventive processes. The research, developed in a municipal school in Serra with teachers and children from the 1st to the 4th grade, starts from the understanding that learning is not limited to recognition, but emerges as inventive practices that produce new ways of existing. By following processes of deterritorialization and reterritorialization – forces that traverse everyday school life – the article argues for curriculum-experimentations conceived as living, collectively composed processes. The study shows that, despite disciplinary segmentations, the school's everyday life generates lines of flight and singular modes of functioning, revealing the inventive potency of practices and encounters that challenge normative structures. By problematizing, creating, and reinventing, these experiences affirm the school as a territory capable of shaping worlds, subjectivities, and new ways of thinking about curricula, teaching, and education.

Keywords: Curricula. Philosophy of Difference. Inventive Learning.

RESUMEN

Este artículo analiza la escuela como espacio de vida, creación e invención. Problematisa los modelos curriculares estandarizados que regulan el tiempo, el contenido y los métodos de enseñanza. Se basa en la Filosofía de la Diferencia con Deleuze y Guattari y en estudios de política cognitiva con Kastrup. El texto afirma la jornada escolar como un territorio de multiplicidades, afectos y procesos inventivos. La investigación, desarrollada en una escuela municipal de Serra con docentes y niños de 1.º a 4.º grado, parte de la comprensión de que el aprendizaje no se limita al reconocimiento, sino que emerge como prácticas inventivas que producen nuevas formas de existir. Acompañando los procesos de desterritorialización y reterritorialización – fuerzas que atraviesan el cotidiano escolar –, se argumenta a favor de currículos-experimentaciones concebidos como procesos vivos compuestos colectivamente. El estudio evidencia que, a pesar de las segmentaciones disciplinares, el cotidiano escolar produce líneas de fuga y modos singulares de funcionamiento, revelando la potencia inventiva de las prácticas y encuentros que tensionan las normatividades. Al problematizar, crear y reinventar, estas experiencias afirman la escuela como un territorio capaz de formar mundos, subjetividades y otras maneras de pensar los currículos, las docencias y la educación.

Palabras clave: Currículo. Filosofía de la Diferencia. Aprendizaje Inventivo.

1 A ESCOLA COMO LUGAR DE VIDA¹

Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados (Deleuze; Guattari, 1995, p. 11).

Diferença. Currículos. Subjetivação. Que mundos podem ser inventados na Escola? Que vidas se potencializam na Escola no encontro com outros corpos? De que modo as aprendizagens inventivas podem emergir em meio a práticas ainda marcadas pela reconhecimento? Esses questionamentos moveram nossa pesquisa e abriram possibilidades para pensar a Escola como território de vida. Lançamo-nos, assim, à escrita deste artigo como gesto de permitir que outros *espaçostempos*² se engendrem por forças, afetos e desejos coletivos que possam operar na relação com o sensível.

Assim, este artigo emerge a partir da pesquisa de Mestrado em Educação em nossa³ trajetória com a escola — como professora, pedagoga e diretora — e das inquietações produzidas nos encontros com corpos, textos, imagens e teorias que afirmam o cotidiano escolar como invenção de currículos, aprendizagens e docências. Não buscamos respostas fechadas, mas experimentações que abram possibilidades para uma educação inventiva.

Nesses primeiros escritos, Em *A Escola como Lugar de Vida*, afirmamos a escola como um território vivo, pensado com Deleuze e Guattari como rizoma e plano de imanência, onde forças, afetos e encontros produzem modos singulares de *aprenderensinar*, tecendo currículos-experimentações que escapam às segmentações prescritas. Em *O Cotidiano Escolar: o que dizem as docências sobre os currículos-experimentações*, mostramos como a cartografia permitiu acompanhar, de dentro, os acontecimentos e experimentações que emergem nas relações entre docentes, crianças e práticas, como evidenciado no projeto literário do 4º ano mobilizado pela literatura *O planeta está com febre*, que disparou afetos, problematizações e aprendizagens inventivas. Por fim, em *Os Desdobramentos como Potência para as Aprendizagens Inventivas*, destacamos que, ao serem afetadas por essas questões, as crianças produzem respostas que expandem o campo das experiências possíveis, tensionando modelos tradicionais de ensino e aprendizagem e afirmando o cotidiano

¹ Este artigo retoma ideias da Dissertação de Mestrado Profissional em Educação – *Currículos-experimentações e aprendizagens inventivas: por outros mundos possíveis* –, defendida e aprovada em 25 de abril de 2024, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

² Ao longo deste texto, usaremos essa forma de escrita que Nilda Alves (2009, p. 10) ensina para nos livrar dos limites das dicotomias tradicionais, unindo palavras para criar uma nova, ou seja, que não é nem uma nem outra, mas uma terceira, formando novos sentidos num jogo de invenção.

³ Quando escrevemos na 1.ª pessoa do plural, apostamos que a escrita não diz respeito a uma personalidade, nem muito menos a uma impessoalidade, uma vez que não acreditamos na individualidade, mas em uma composição, e...e...e... (Deleuze; Guattari, 1995).

escolar como *espaçotempo* de subjetivação, no qual o currículo se reinventa continuamente e a escola se torna um território fértil para a criação de outros mundos possíveis.

Nesse movimento, a escola, entendida como território vivo, constitui um espaço de trocas e de afetos que nos atravessam e nos compõem coletivamente. Inspiradas em Deleuze e Guattari (1995), compreendemos que somos produzidos nas relações e multiplicidades que habitam o cotidiano escolar. Como afirmam Masschelein e Simons (2014), a escola cria um *tempoespaço* capaz de suspender expectativas sociais, econômicas e culturais, abrindo brechas para outras formas de existência.

Entendemos assim, o cotidiano escolar como um *espaçotempo* atravessado por singularidades, enredando o afetivo e cooperativo das práticas, das experiências, das diferenças. Nele encontramos multiplicidades segmentadas e não segmentadas. Embora a escola opere por segmentações disciplinares — como a organização dos espaços e tempos, as regras, normas e leis —, essas estruturas também abrem linhas de fuga e devires. Assim, ao mesmo tempo em que há uma macropolítica voltada para processos de individualização normalizante, o cotidiano também possibilita o surgimento de modos de funcionamento singulares (Silva; Delboni, 2016).

Consideramos que, paralelamente às diretrizes curriculares instituídas, emergem nos cotidianos currículos-vida que produzem maneiras singulares de pensar e praticar a educação. Interessa-nos, portanto, problematizar modos de reinvenção curricular que potencializem aprendizagens inventivas em uma escola da rede municipal de Serra, junto a professoras e crianças do 1.º ao 4.º ano.

Fundamentamo-nos na Filosofia da Diferença, especialmente na defesa de uma diferença que se liberta da representação e das identidades fixas (Schöpke, 2012). Assim, buscamos problematizar currículos que escapem dos modelos rígidos que definem conteúdos, tempos e modos de ensinar, e apostar num currículo nômade, rizomático, que no encontro com o cotidiano se desterritorializa e se reterritorializa em movimentos contínuos de invenção.

Aproximamo-nos, ainda, dos estudos de Kastrup (2004; 2006), que compreende a cognição como prática ética e política, podendo operar tanto pela reconhecimento quanto pela invenção. Sua noção de política cognitiva nos fortalece ao pensar aprendizagens como processos coletivos, afetivos e abertos ao novo. Na política de invenção, as práticas cognitivas exercitam a problematização e tratam regras como provisórias, sempre passíveis de reinvenção.

Assim, articulamos esta pesquisa aos movimentos inventivos que emergem das relações entre professora e crianças. Defendemos que, para além das aprendizagens cognitivas, produz-se no cotidiano escolar uma aprendizagem inventiva, que possibilita a criação de si e do mundo.

Essas experimentações nos cotidianos escolares fortaleceram em nós a aposta de viver a escola como afirmação de vida — não como fábrica de competências, mas como espaço de criação, saberes transversais e afetividade cooperativa (Carvalho, 2012). É assim que a habitamos. Trajetória que nos permitiu compor coletivamente múltiplos saberes e experiências. Ao circularmos pelos cotidianos escolares, reconhecemos a necessidade de problematizar práticas pedagógicas e currículos que se tecem no cotidiano. É nesse movimento coletivo que emergem currículos inventivos, capazes de produzir outros modos de aprender e de existir. A escola torna-se uma *teia*⁴ viva, sem início nem fim, em que todos se conectam e tudo pode ser explorado.

Imagem 1 – Produzindo invencionices



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).

⁴ Compreendemos “teia” a partir de Ferraço (2005), que concebe o cotidiano escolar como uma dinâmica não linear, composta por relações, práticas e encontros que se entrecruzam e produzem sentidos, configurando o currículo como uma tessitura sempre móvel e em contínua reinvenção.

Nesse sentido, este artigo objetiva problematizar como docentes e crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola da Serra/ES, produzem experimentações curriculares na perspectiva da aprendizagem inventiva. Argumentamos que acompanhar os cotidianos escolares pela via da cartografia permite evidenciar os movimentos de invenção curricular e as experimentações inventivas que emergem nas práticas de docentes e crianças. Ao apostar na diferença, na multiplicidade e na singularidade, sustentamos uma problematização dos currículos e das aprendizagens que se produz no encontro, nas relações e nas ações coletivas que atravessam a escola.

Tomamos como afirmação que, a escola, mesmo atravessada por currículos prescritos e práticas normalizadoras, é um território onde docentes e crianças produzem invenções curriculares e aprendizagens inventivas, acionando linhas de fuga que afirmam a vida, a diferença e a potência de criar outros modos de *ensinaraprender*.

Ao nos encontrarmos com a multiplicidade de pensamentos e experiências que compõem o cotidiano escolar, deixamo-nos atravessar por linhas que nos afetam e nos convocam a pensar com elas — e, quem sabe, para além delas. É nesse movimento que nos lançamos à aventura de habitar um plano de imanência, entendido, à maneira de Deleuze, como o campo no qual o pensamento se engendra a partir da própria vida, em conexão direta com as forças, afetos e experiências que o atravessam (Deleuze; Guattari, 1995). Nesse plano sempre móvel e aberto, a escola se revela como território de criação e de produção de outros mundos. Entre achados, deslocamentos e possibilidades que se abrem ao encontro, seguimos compondo experimentações, invenções e devires, em diálogo com múltiplas vozes, imagens e experiências que fazem pulsar novos modos de pensar os currículos.

2 O COTIDIANO ESCOLAR, O QUE DIZEM AS DOCÊNCIAS SOBRE OS CURRÍCULOS-EXPERIMENTAÇÕES

Tudo caminha até que a atenção, numa atitude de ativa receptividade, é tocada por algo (Kastrup, 2007, p. 19).

Imagem 2 – Onde a vida é potente



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).

Compreender o cotidiano escolar implica reconhecê-lo como um território de forças, atravessado por acontecimentos que escapam às previsões e aos modelos padronizados de ensino. Para Deleuze (2006), o acontecimento é entendido pode ser entendido como uma força que rompe o pensamento e produz deslocamentos nos modos de viver, sentir e agir. Trata-se de algo que atravessa corpos, ideias e relações, abrindo novos possíveis e modificando aquilo que parecia fixo. Nesse sentido, o acontecimento é tomado como aquilo que se faz e se transforma na própria vivência. As condições de aprendizagem não estão definidas de antemão, mas se atualizam conforme professores e crianças se movem, relacionam-se e constroem sentidos no aqui e agora da escola.

Acompanhar o cotidiano escolar é movimentar-se por forças inventivas rizomáticas⁵ – currículos que se fazem no encontro, na diferença, na criação coletiva de possíveis. Um movimento rizomático que se faz no real, sem hierarquias ou caminhos pré-determinados, acompanhando os movimentos que surgem no encontro com as situações escolares. Trata-se de mapear processos, de seguir fluxos de invenção que se produzem no comum, nas pequenas variações e nas intensidades que atravessam o cotidiano escolar.

⁵ O rizoma, conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari (1995), refere-se a uma forma de organização não linear, sem hierarquia ou origem fixa. Ele se expande em múltiplas direções, conectando pontos de maneira flexível e imprevisível. Diferente de estruturas arbóreas, o rizoma privilegia multiplicidade, fluxo e linhas de fuga.

É nesse ambiente vivo, tecido pelas relações entre professores, estudantes, objetos e práticas, que se engendram experimentações de potência capazes de deslocar modos instituídos de aprender e ensinar. Ao apostar que os currículos-experimentações produzem aprendizagens inventivas, entendemos que o cotidiano não é um cenário neutro, mas um plano de criação no qual emergem outros modos de pensar e viver a escola.

Assim, ao adentrarmos o cotidiano de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental do município da Serra/ES, reencontramos um território já tecido por nossa própria história de professora e gestora. Esse retorno como *pesquisadoracartógrafa* nos permitiu acompanhar, de dentro, as linhas de força que atravessam o dia a dia escolar. Embora pequena e marcada por estruturas antigas, limitações de espaço, alagamentos, falta de biblioteca e de salas especializadas – linhas duras que poderiam aprisionar práticas –, a escola pulsa como um campo de experimentações onde se inventam modos de aprender. Mesmo diante das restrições materiais, os encontros cotidianos entre professores, crianças e comunidade engendram movimentos que escapam às amarras dos currículos prescritos, abrindo brechas para aprendizagens que se fazem na invenção de problemas, na criação de sentidos e na força dos afetos.

Habitar esse território vivo de forças e experimentações produzidas nos encontros diários entre professores, crianças e práticas, nos possibilita vivenciarmos outros modos de pensar a escola que não se restringe a aspectos pedagógicos ou metodológicos. As invenções que emergem no cotidiano escolar atravessam dimensões mais amplas – éticas, estéticas e políticas – que constituem o próprio movimento de aprender.

Ética, porque o que a define não é um conjunto de regras tomadas como um valor em si para se chegar à verdade (um método), nem um sistema de verdades tomado com um valor universal: ambos são da alçada de uma posição de ordem moral. O que define esta posição é o rigor com que escutamos as diferenças que se fazem em nós e afirmamos o devir a partir dessas diferenças. As verdades que se criam com este tipo de rigor, assim como as regras que se adotam para criá-las, só têm valor enquanto conduzidas e exigidas por problemas colocados por diferenças que nos desassossegam. Estética, porque não se trata de dominar um campo de saber já dado, mas sim de criar um campo no pensamento que seja a encarnação das diferenças que nos inquietam, fazendo do pensamento uma obra de arte. Política, porque se trata de uma luta contra as forças em nós que obstruem as nascentes do devir: forças reativas, forças reacionárias (Rolnik, 1995, p. 2).

Nesse sentido, problematizar as experimentações de potência que ali se dão exige olhar para a aprendizagem inventiva não apenas como um modo de ensinar, mas como um modo de existir e de se relacionar com o mundo. É nesse ponto que Kastrup (2007) e Rolnik (1995) nos ajudam a expandir o olhar, ao mostrarem que aprender implica abrir-se ao novo, acolher as diferenças, criar com pensamentos e resistir às forças que tentam capturar o devir. Assim, avançamos para

compreender como essas três dimensões atravessam e sustentam os currículos-experimentações que se tecem na escola.

Imagem 3 – Composição de experiências docências



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).

Ao tomar o cotidiano como território de forças, atravessado por dimensões éticas, estéticas e políticas, a pesquisa foi se deixando afetar pelos encontros que emergiam de maneira não planejada. As conversações não apenas aconteciam, mas *faziam acontecer* o próprio currículo em sua dimensão inventiva. À medida que esses encontros se davam, víamos surgir uma multiplicidade de experiências e afetos que configuravam modos outros de pensar e problematizar a escola.

Portanto, interessa-nos indagar os modos de reinvenção curricular que potencializem aprendizagens inventivas. Deste modo, realizamos a pesquisa em uma escola da rede municipal de Serra, junto com professoras e crianças do 1.º ao 4.º ano, no período de março a outubro de 2022. Por se tratar de uma escola pequena de quatro turmas, a proximidade espacial e relacional favoreceu conversas que muitas vezes escapavam às rotinas instituídas. Nessas passagens, compartilhávamos textos e questões que tensionavam as noções de currículo, convidando docentes a experimentarem outras formas de pensar o cotidiano pela via da Filosofia da Diferença. Embora muitos não tivessem familiaridade com Deleuze, Guattari ou com parte dos conceitos que mobilizávamos, emergiam de suas falas percepções e inquietações que ressoavam diretamente com o problema da pesquisa —

indicando que, antes mesmo de um conhecimento teórico consolidado, havia ali um campo fértil de sensibilidade e abertura para a invenção.

“Nunca ouvi falar sobre Filosofia da Diferença.” “[...] O que diz essa Filosofia que se aplica na educação”?

“[...] E o que seriam os currículos-experimentações? Para eles acontecerem, precisamos de laboratório de ciências...de informática? E a escola como a nossa, que não possui essas salas? (Enunciações docentes, diário de bordo da pesquisa).

As questões colocadas pelas professoras expressam um campo de problematização que emerge do próprio cotidiano escolar. Elas evidenciam que pensar os currículos-experimentações demanda deslocar o entendimento tradicional de currículo, ainda fortemente ancorada nos documentos normativos e em uma visão prescritiva da prática docente. Ao interpelarem a Filosofia da Diferença e questionarem as condições materiais da escola, as docentes demonstram inquietações com os modos de produzir pensamento, encontros e afetos. Assim, as enunciações tornam-se um operador teórico que nos conduz à necessidade de examinar, antes de tudo, o que se entende por currículo – e de que forma os processos inventivos tensionam e ampliam os sentidos instituídos pelos discursos oficiais.

No compartilhar de imagens/registros de alguns projetos/aulas que foram desenvolvidos com os alunos, problematizamos pensar como são produzidos os currículos inventivos e as aprendizagens inventivas. Afinal, o que as experiências docentes nos ajudam a pensar sobre os currículos-experimentações? E o que são os currículos-experimentações?

Antes dos desdobramentos, é preciso analisar o conceito sobre currículos e o que os documentos legais que chegam até as escolas dizem sobre eles. Para tanto, convidamos para a conversa, autores que dialogam sobre currículos como Paraíso.

Currículo oficial é o conjunto de aprendizagens selecionado, organizado e estruturado oficialmente para ser trabalhado nas diferentes disciplinas, áreas de conhecimentos, anos ou ciclos de um curso ou de uma etapa de escolarização, e que possui o carimbo ou o selo de um governo, seja ele nacional, estadual ou municipal (Paraíso, 2023, p. 12).

O atual currículo oficial brasileiro – Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – é um “[...] um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (Brasil, 2017, p. 7). Se devemos seguir um ponto de partida para obtermos os resultados que se esperam, em quais outros caminhos podemos apostar para experienciar as aprendizagens inventivas?

Tais questionamentos nos ajudavam a problematizar os currículos prescritos e os currículos que são praticados no cotidiano escolar, a partir das relações que são tecidas entre professores e estudantes. Assim, percebíamos o entusiasmo das professoras em suas falas:

“Eu acredito muito na experiência. Ver as crianças interagindo e vivenciando esse contato com a terra, com a natureza, me faz pensar minha docência. Dá muito trabalho essas experimentações, mas é inspirador.”
(Enunciações docentes, diário de bordo da pesquisa).

Imagem 4 – (Re)invenções curriculares



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).

As conversações das composições-experiências-docências possibilitaram compreender que os movimentos curriculares no cotidiano escolar se produzem para além das prescrições dos livros didáticos e abrem espaço para pensar outros modos de experienciar as aprendizagens que emergem dos currículos-experimentações.

3 OS DESDOBRAMENTOS COMO POTÊNCIA PARA AS APRENDIZAGENS INVENTIVAS

Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha. Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma (Barros, 2013, p. 273).

Imagem 5 – Composição com as *aprendizagens inventivas*



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).

Acompanhamos no 4º ano o desenvolvimento de um projeto de literatura a partir da releitura de *O planeta está com febre*, de Luciana Rosa. A autora em sua obra apresenta o planeta como uma criança adoecida, nos convocando a problematizar questões ambientais por meio de uma abordagem sensível.

“Hoje eu acordei meio estranho. Não estou me sentindo bem. Estou com dor de cabeça e não consigo respirar direito. Meu nariz está entupido e meu corpo também dói. Será que estou doente? Também estou me sentindo quente. Acho melhor procurar ajuda” (Rosa, 2011).

Em movimento com o signo literário, a professora e as crianças são afetadas por outras possibilidades de pensar o mundo, não como solução de problemas, mas como produção de conhecimentos. Os desenhos das crianças, em agenciamento com a literatura, criam sentidos implicados com outros modos de existência no mundo.

Nas produções coletivas e nas interações realizadas com as crianças do 4º ano, as falas, as imagens e as criações tornavam visível como os encontros em torno do tema do planeta acionavam aquilo que Kastrup (2006) descreve como aprendizagens inventivas: processos que se orientam pela abertura ao inesperado e pela capacidade de ser afetado. Ao analisar imagens sobre o cuidado com

a Terra, debater situações ambientais e produzir novas interpretações para os problemas do mundo, as crianças eram convocadas a pensar de outro modo, deixando-se tocar por forças que ultrapassavam o entendimento meramente representacional.

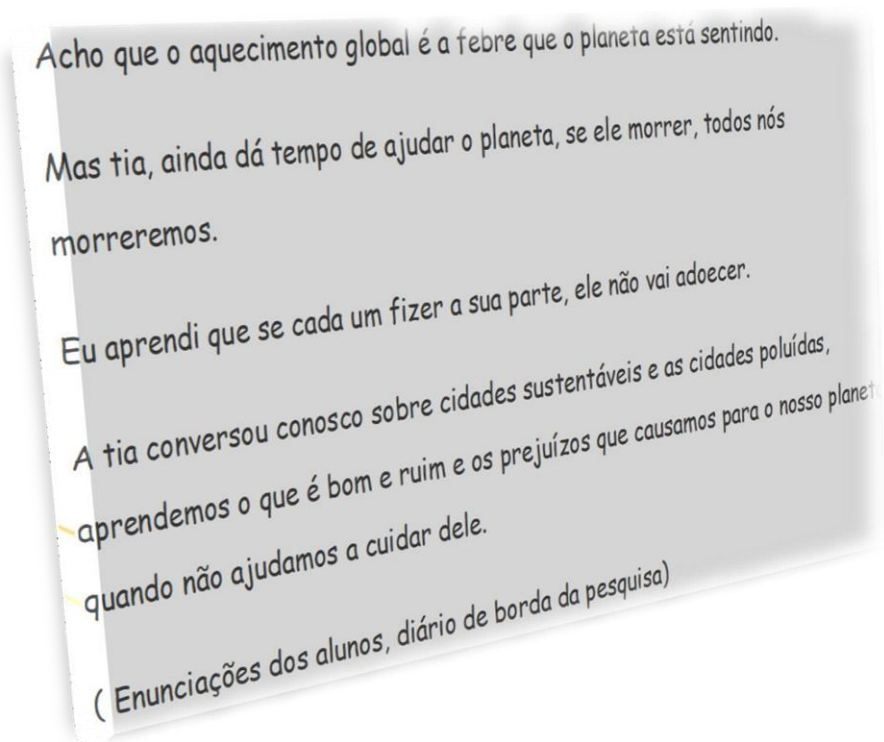
Imagem 6 – Composições literárias entre os currículos-experimentações



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).

Essas conversas, interpretações singulares e experimentações constituíam aprendizagens em variações e sensibilidade, ativando modos de atenção que, como propõe Kastrup (2007), sustentam a invenção de novos gestos cognitivos. Quando algo do mundo – uma imagem, uma pergunta, uma inquietação sobre o planeta – forçava o pensamento, as crianças elaboravam respostas inéditas, produzindo deslocamentos que ampliavam o campo das experiências possíveis no cotidiano escolar.

Imagem 7 – Movimentando o pensamento



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).

Desse modo, o projeto se configurava como um campo fértil de experimentações curriculares, no qual o currículo deixava de operar como estrutura fixa e passava a funcionar como movimento vivo, tecido nas relações entre crianças, materiais, afetos e problemas do mundo. Nesse território, aprender significava acompanhar processos, deixar-se afetar e criar, reafirmando a potência das aprendizagens inventivas como abertura para modos outros de existir e de aprender na escola.

4 SEGUIMOS EXPERIMENTANDO A POTÊNCIA DA VIDA NAS ESCOLAS

As conversações com as professoras sobre suas composições curriculares coletivas revelam que os movimentos curriculares no cotidiano escolar não se limitam às prescrições estabelecidas, mas se produzem na força dos encontros, dos afetos e das invenções que emergem das práticas cotidianas. Composições-experiências-docências que possibilitaram problematizar os currículos, as docências, a escola, e abrir espaço para pensar outros modos de experienciar as aprendizagens que emergem dos currículos-experimentações.

Assim, pensar o cotidiano escolar implica reconhecê-lo como um território vivo, tecido por acontecimentos que escapam às previsões e instauram condições na ordem do inusitado e provocam outros modos de pensarmos as aprendizagens. Nesse movimento, o currículo tornar-se processo, fluxo

e criação que se atualiza nas relações, nas variações e nas intensidades que emergem no encontro entre professores, crianças e práticas.

Ao acompanhar cartograficamente o cotidiano da escola em que foi realizada a pesquisa, foi possível perceber que, mesmo entre limitações materiais e estruturais, a escola se afirma como um campo de experimentações, no qual as linhas duras tensionam, mas não anulam as potências inventivas que atravessam os fazeres cotidianos. A experiência com a turma do 4º ano, no desenvolvimento do projeto de literatura tornou visível essa potência. As imagens, a literatura, as conversações sobre o planeta acionaram modos de atenção sensíveis e inventivos, convocando as crianças a movimentarem o pensamento e reinventarem os problemas ambientais. Afetadas pelas perguntas e situações emergentes, elaboraram gestos cognitivos que ultrapassavam o entendimento representacional, atualizando processos que Kastrup (2007) descreve como invenções de problemas: variação, sensibilidade, abertura ao novo e disposição para pensar de outro modo.

No agenciamento com crianças, professoras, literaturas, imagens e questões do mundo, os currículos-experimentações ganharam forma, reafirmando que o cotidiano não é cenário neutro, mas um plano de criação. As aprendizagens inventivas que emergem da invenção de problemas (Kastrup, 2007) atravessam dimensões éticas, estéticas e políticas, instaurando modos outros de habitar o processo educativo e de existir na escola. Assim, acompanhar o cotidiano é acompanhar movimentos rizomáticos que se fazem no acontecimento, nas pequenas intensidades que atravessam as práticas e nos modos como professores e crianças se afetam mutuamente.

Habitar o cotidiano escolar é reconhecer e afirmar currículos que se produzem em redes de afetos, conversações e ações complexas (Carvalho, 2009), tecidas e compartilhadas no cotidiano pelos seus praticantes. São currículos que não se limitam a prescrições, mas que se fazem na experiência, produzindo aberturas, conexões, rupturas e deslocamentos. É nesse entrelaçamento de relações, forças inventivas e linhas variadas de vida que a escola se reinventa continuamente. Assim, concluímos que os currículos-experimentações vividos no cotidiano, quando reconhecidos em sua potência, sustentam modos outros de aprender e de existir na escola, reafirmando-a como um território de vida inventiva.

Dessa forma, a escola, mesmo diante de desafios e restrições, continua sendo território de vida, de invenção e de formação sensível. Quando o currículo é compreendido como processo e experiência, produz aberturas para aprendizagens que reinventam a própria escola, afirmando a potência dos encontros como força constitutiva dos modos de aprender e viver no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

- ALVES, N. Cotidiano, imagens e narrativas: programa um salto para o futuro. Brasília: MEC, 2009.
- BARROS, M. de. Poesia completa. São Paulo: LeYa, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: educação é a base. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79611-anexo-texto-bncc-aprovado-em-15-12-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 14 abr. 2024.
- CARVALHO, J. M. O cotidiano escolar como comunidade de afetos. Petrópolis: DP et Alii; Brasília: CNPq, 2009.
- CARVALHO, J. M. Práticas pedagógicas nas múltiplas redes educativas que atravessam os currículos. In: LIBANEO, J. C.; ALVES, N. (org.). Temas de pedagogia: diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Cortez, 2012. p. 189-205.
- DELEUZE, G. Diferença e repetição. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. 2. ed. São Paulo: Graal, 2006.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- FERRAÇO, C. E. Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo. São Paulo: Cortez, 2005.
- KASTRUP, V. A aprendizagem da atenção na cognição inventiva. Psicologia & Sociedade; v. 16, n. 3, 7-16. set/dez. 2004.
- KASTRUP, V. Subjetividade coletiva e estratégia de alterização: por uma política de invenção de novas práticas de pesquisa e intervenção social. In: COLAÇO, V. F. R.; PINHEIRO, F. P. H. A.; SILVA, J. F. (org.). Reflexos III PET Psicologia/UFC: políticas de subjetivação nas práticas sociais. Fortaleza: UFC, 2006. p. 13-25.
- KASTRUP, V. A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. Em defesa da escola: uma questão política. Tradução de Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- PARAISO, M. A. Currículos: teorias e políticas. São Paulo: Contexto, 2023.
- ROLNIK, S. Ninguém é deleuziano. [Entrevista cedida a] Lira Neto e Silvio Gadelha. O Povo, Caderno Sábado: 06, Fortaleza, 18 nov. 1995.
- ROSA, L. O planeta está com febre. Rio de Janeiro: Zit, 2011.

SILVA, S. K. da; DELBONI, T. M. Z. G. F. Cotidiano escolar como laboratório de existência: lugar de criação, experimentação e invenção. Espaço do Currículo, v. 9, n. 3, p. 404-411, set./dez. 2016.
DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v9i3.30105>.

SCHÖPKE, R. Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.